

Em nome de Adão

A necessidade do “caminho do meio” no ensino da evolução

HUGO ALEXANDRE ESPÍNOLA MANGUEIRA
*(Especializando em Ciências das Religiões
pela Universidade Federal da Paraíba – Brasil)*

1. PROÊMIO: PENSO, LOGO EXISTO?

1.1 Religião x Ciência

Perguntemos à Calíope, a musa das Letras, quem será o vencedor do histórico embate da ciência com a religião? Os dois poderão um dia, finalmente, caminhar lado a lado, respeitando-se? Será possível a harmonia reinar, de forma que ambas possam se tolerar, entendendo que as diferenças existem, mas deixando que o juízo de valor seja feito pelas pessoas, com liberdade?

Os cientistas afirmam não ser possível o casamento, pois a ciência é eminentemente materialista e não dá crédito àquilo que não possa ser provado empiricamente, através de experimentos. Sob esta urdidura pairam as colocações dos estudiosos da ciência, os quais entendem que apenas as teses demonstradas por métodos científicos – em experimentos comprovados – devem ser aceitas e, conseqüentemente, ensinadas nas escolas.

A contra sensu, os teólogos acreditam que os seus textos sagrados foram escritos sob inspiração divina. São, portanto, infalíveis e perfeitos, não merecendo contestações científicas. De outra banda, há partidários em prol de teorias religiosas com bases científicas – embora não sejam aceitas pela maior parte comunidade científica –

HUGO ALEXANDRE ESPÍNOLA MANGUEIRA

as quais inferem que a evolução não faz sentido sem a presença de uma inteligência divina, ou seja, sem o sopro – a consciência – de um Supremo Criador.

Os preceitos religiosos podem não ser os mais convincentes nos idos hodiernos, mas, como no caso do criacionismo, possuem origem longínqua, anterior ao nascimento da própria ciência, e prescritos por muitos como verdade insofismável.

O conflito da ciência com a religião se instala, sobretudo, quando colocações religiosas entram em conflito com teses científicas. E vice-versa. Para os defensores da ciência as afirmações religiosas são baseadas em provas frágeis. Os religiosos, por seu turno, se baseiam em dogmas e doutrinas com base na fé, considerando falácias as teorias científicas.

É sobre este contexto que se fundamenta a questão do ensino da evolução nas escolas. Tema que terá preponderância ímpar neste milênio, recém iniciado. Em um mundo globalizado, o fato que se passa em um determinado lugar pode refletir em outra realidade distante completamente. Não por acaso, começam a surgir, aqui e ali, casos importantes, merecedores de estudos aprofundados, a fim de obtermos experiência, aprendendo com os erros cometidos. Se assim for, a humanidade poderá ultrapassar os equívocos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, sobretudo nas questões relativas ao conflito entre ciência e religião.

Dois importantes casos, acontecidos recentemente, serão analisados no presente estudo. Um deles, envolvendo a professora Christine Castillo Comer, aconteceu no Texas, Estados Unidos da América. O outro, tendo como palco o Brasil, abrangeu a ministra Marina Silva, responsável pela pasta do Meio Ambiente. No primeiro fato houve a demissão de uma professora provavelmente por adesão ao ensino da teoria da evolução por meio de seleção natural, de Darwin. A professora professava o darwinismo como verdade absoluta. No segundo caso, as críticas surgiram por ter a ministra brasileira expresso entendimento no sentido de se permitir aos alunos confrontar o criacionismo com o darwinismo em sala de aula.

A luz vermelha do semáforo está acesa. Ambos os acontecimentos, portanto, servem de alerta para despertar o interesse por uma mudança de paradigma, onde possa ser valorizado o ser humano – indistintamente – e a liberdade de consciência, de crença e de expressão, valores tão caros à democracia contemporânea.

EM NOME DE ADÃO

1.2 Caim e Abel

“Infelizmente, contudo, de várias formas a controvérsia entre a evolução e a fé vem se provando muito mais difícil do que o debate sobre se a Terra gira ao redor do Sol. Afinal de contas, a controvérsia sobre a evolução atingiu justamente o coração da fé e o da ciência. Não se trata de corpos celestes rochosos, e sim de nós e de nossa relação com o Criador.”¹

FRANCIS S. COLLINS

Não restam dúvidas quanto à existência de colisão envolvendo ciência e religião. Não obstante, algumas esferas religiosas e científicas tentam colocar ‘panos mornos’ no embate, ignorando-o.

Sam Harris cita em “Carta a uma nação cristã” o pronunciamento da *National Academy of Sciences* (Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos), denominado *Teaching about evolution and the nature of science*, sobre o combate. A Academia americana conceitua o conflito como “*aparente*”. Não obstante, merece destaque a conscientização demonstrada, ao prescrever a desnecessidade de choque, pois, afinal, religião e ciência atuam em áreas diversas do conhecimento:

“Na raiz do aparente conflito entre algumas religiões e a evolução está uma compreensão equivocada da diferença crítica entre o modo de conhecimento religioso e o científico. As religiões e a ciência respondem a perguntas diferentes sobre o mundo. Se existe um propósito no universo ou um propósito para a existência humana, essas não são perguntas para a ciência. O modo de conhecimento religioso e científico representaram, e continuarão a representar, papéis significativos na história humana (...). A ciência é uma maneira de conhecer o mundo natural. Ela se limita a explicar o mundo natural através de causas naturais. A ciência não pode dizer nada acerca do sobrenatural. Se Deus existe ou não é uma questão sobre a qual a ciência é neutra.”²

Talvez os ventos do amadurecimento não tenham chegado a Roma. O Sumo Pontífice, Bento XVI, precisou recentemente cancelar a visita que faria à universidade romana de “*La Sapienza*”, temendo protestos estudantis. Sobre o assunto, o Escritório da Impren-

¹ COLLINS, Francis S., *A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe*, São Paulo, Editora Gente, 2007, pág. 163.

² HARRIS, Sam, *Carta a uma nação cristã*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007, pp. 64 e 65.

HUGO ALEXANDRE ESPÍNOLA MANGUEIRA

sa da Santa Sé afirmou: “Devido ao caso bem conhecido em relação à visita do Santo Padre à Universidade La Sapienza, que, a convite do Magnífico Reitor, seria realizada em 17 de janeiro, considerou-se oportuno adiar o evento. O Santo Padre enviará, de todos os modos, o discurso previsto”. Sessenta e sete professores da universidade haviam pedido a anulação da visita do Papa por considerá-lo um “obscurantista” e por Bento XVI ter pronunciado “(...) em 1990, que o processo da Igreja contra Galileu tinha sido razoável e justo”. Grupos de estudantes também protestaram: “Queremos manifestar nosso desacordo e que a cidade universitária seja um lugar livre, sem zonas de exclusão”, disse um porta-voz dos alunos. Os jovens colocaram cartazes em que se lia “A ciência é laica”, “La Sapienza refém do Papa”, “Não papa” e “Bento 16 fique no Vaticano”³.

O não enfrentamento do problema contribui para a permanência do conflito. Mascarar é fugir. Não devemos ignorar tão importante e inevitável questão, pois poderemos estar a ‘cutucar o leão com vara curta’.

A complexa relação entre ciência e religião é formada por ingredientes semelhantes aos presentes na história de Caim e Abel.

Percebemos que o cerne do problema reside em diversos fatores, presentes em ambas as partes envolvidas – tanto a ciência, quanto a religião contribui para o malogro de uma futura convivência harmoniosa.

A religião teme a perda do poder e confronta – como sempre fez – quem pensa diferente ou possui a capacidade de ameaçá-la. No mundo moderno a fé na literalidade dos textos sagrados perde consistência frente à aparente modernidade científica.

A ciência, por sua parte, não aceita o transcendental. Tudo que não possa ser *a priori* experimentado para a ciência não existe e deve ser ignorado. Richard Dawkins parte da premissa que é preciso ser ateu para acreditar na evolução⁴.

Parece-nos que a maior parte dos cientistas, em realidade, não acredita piamente em suas teses. No fundo, sabem – talvez de forma inconsciente – que suas teses são falhas, possuem furos e, se forem contestadas, ruirão, pois não conseguem explicar como se processam todas as etapas constantes nos experimentos.

³ Tudo conforme consta na reportagem intitulada “Papa suspende visita a universidade de Roma após protestos”, de 10.01.2008, da Folhaonline. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u363760.shtml>. Acesso em 23.02.2008

⁴ DAWKINS, Richard, *Deus, um delírio*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

A religião, infelizmente, não tem igualmente demonstrado ter atingido a maturidade no que concerne às suas desavenças com a ciência.

A intolerância religiosa, como se estivéssemos repetindo a história, não se restringe apenas à ciência. O ecumenismo entre as religiões parece fadado a abrandar. A postura de intolerância entre as religiões persiste presentemente. Ao se auto-intitular como a “*única igreja verdadeira*”, a Igreja Católica tende a se distanciar das demais ramificações cristãs. Recentemente, publicação recuperada pelo sumo pontífice, antigo legado do agora Papa Bento XVI à frente da Congregação para a Doutrina da Fé⁵, acusa outras denominações de não serem verdadeiramente originárias dos apóstolos. O documento textualmente afirma que “*Cristo constituiu sobre a terra uma única Igreja*”, e pronuncia que outras denominações “*não podem ser chamadas de igrejas no sentido próprio*”, por não contarem com a denominada sucessão apostólica – que teoricamente liga os bispos católicos aos apóstolos de Cristo⁶. Ora, se as demais designações cristãs não são consideradas “verdadeiras”, o que dizer quando às outras as religiões. Este ponto de vista católico coincide, inclusive, com o discurso herético realizado pelas outras religiões.

2. CRIACIONISMO x EVOLUCIONISMO

Dentro deste contexto histórico encontra-se a questão do ensino da evolução nas escolas. Recentemente, surgiram alguns casos que demonstram a necessidade de se adotar uma nova postura, por parte dos professores e dos dirigentes do sistema de ensino, de forma a adequar o tema à realidade atual.

A importância do tema emerge em nossa sociedade. Conforme relata Sam Harris em “Carta a uma nação cristã”⁷, citando pesquisa

⁵ Para Pedro Barreto Guerra este novo nome da Inquisição, mais “brando” e “sutil”, não trouxe mudança na essência da corporação. Em 1984 o franciscano Leonardo Boff foi condenado pela Congregação a um ano de silêncio.

⁶ Notícia intitulada “Papa diz que única igreja verdadeira é a católica”, publicada em 10.07.2007, no site <http://jc.uol.com.br/>.

⁷ HARRIS, Sam, *Carta a uma nação cristã*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007, pp. 15 e 16.

HUGO ALEXANDRE ESPÍNOLA MANGUEIRA

do Gallup, atualmente, nos Estados Unidos, apenas 12% da população acredita que a evolução em nosso planeta se deu sem interferência divina. A evolução foi conduzida por Deus para 31% dos norte-americanos. Segundo Harris, se houvesse um plebiscito a fim de confrontar os conceitos do “design inteligente” (DI) com o darwinismo, aquela teoria derrotaria esta última por quase três votos para cada um. Mas a mesma pesquisa do Gallup revelou algo mais surpreendente: 53% dos norte-americanos são adeptos do criacionismo.

É um índice considerado alto para um país desenvolvido, laico e cujo povo convive com as mais recentes informações e inovações científicas. Tal fato levou Harris, um ateu, que classifica como ilusões infantis as crenças religiosas, a emitir a seguinte opinião sobre os Estados Unidos: *“De fato, tenho a dolorosa consciência de que meu país hoje parece, com em nenhum outro momento da sua história, um gigante belicoso, desengonçado e mentalmente obtuso. Qualquer pessoa que se preocupe com o destino da civilização faria bem em reconhecer que a combinação de um grande poder com uma grande estupidez é simplesmente aterrorizante, até para os amigos.”*⁸.

Muito embora não tenhamos acesso a pesquisas sobre criacionismo, relativas à população brasileira, acreditamos que nos nossos índices sejam próximos aos dos norte-americanos⁹.

2.1 Demissão por conta do ensino da evolução nos EUA

Colocada mais ‘lenha na fogueira’ da discussão sobre o ensino da evolução nos Estados Unidos. Foi noticiado pelo ‘The News York Times’, em 04 de dezembro de 2007, a demissão – ou pedido forçado de demissão – de uma professora do Estado do Texas, aparentemente por conta de posicionamento quanto ao ensino da teoria da evolução pela seleção natural, de Darwin. Este fato deve acirrar ainda mais a contenda sobre o tema, dado que possivelmente se dará a reforma do atual modelo estadual de educação científica nas escolas do Texas, nomeadamente sobre o ensino da teoria da evolução.

⁸ (HARRIS, 2007) Pág. 16.

⁹ Segundo IBGE, apenas 7,35% dos brasileiros não possui religião (dados relativos ao censo de 2000).

A matéria “Ensino da evolução termina em demissão nos EUA”, apresentada pelo sítio Terra¹⁰ (www.terra.com.br) e fornecida pelo “*The New York Times*”, apresentou o caso da professora Christine Castillo Comer, demitida supostamente por ter se situado em prol da teoria da evolução. A professora, que exercia o cargo na Agência de Educação do Texas há vinte e sete anos e era diretora de ciências há nove, encaminhou correio eletrônico enfocando uma palestra sobre o tema evolução e criacionismo, realizada em Austin, de uma professora de filosofia da Universidade do Sudeste da Louisiana, intitulada “o cavalo de tróia do criacionismo”.

Este apoio explícito à palestra da professora, chamada Barbara Forrest, foi a hipótese que levou Comer a quebrar o dever de neutralidade imposto pela agência de educação à educadora. Saliente-se que Barbara Forrest foi testemunha em um caso judicial que terminou com a proibição do ensino da teoria do “design inteligente” nas escolas de Dover, Pensilvânia.

Consta na matéria que, após ser demitida, a professora Comer fez a seguinte afirmação sobre a teoria da evolução: “*não é apenas uma boa idéia; é a lei*”.

O enredo em tela, digno de um filme de Hollywood, nos leva a refletir não apenas em relação à questão do *ensino da evolução* nas escolas americanas, mas igualmente sobre este ensino nas escolas públicas dos outros países e ainda sobre o *posicionamento do professor em sala de aula em face de determinado tema ligado às religiões*.

2.2 O embate ‘criacionismo versus evolucionismo’ no Brasil

A peleja entre ciência e religião, nomeadamente sobre o ensino da evolução nas escolas, não está restrita à realidade norte-americana. Este problema também faz parte da dinâmica sócio-religiosa brasileira e remonta a tempos distantes.

Em um país essencialmente católico, onde, até bem pouco tempo as escolas religiosas predominavam na esfera privada do sistema de ensino, a questão – pasmem – ainda não tinha despertado a relevância merecida.

¹⁰ Estando disponível no link <http://noticias.terra.com.br/educacao/interna/0,,OI2123725-EI8266,00.html> (acesso em 04.12.2007).

HUGO ALEXANDRE ESPÍNOLA MANGUEIRA

Atualmente, entretanto, veio à tona no Brasil o despertar sobre o ensino da evolução, sobretudo nas escolas públicas. Não significa, porém, não ter jamais havido na Terra de Vera Cruz disputa entre criacionistas e evolucionistas. Muito pelo contrário. Mas, os fervilhantes debates travados durante o início da república, que perduraram até a década de 1940, se esfriaram durante o passado recente, voltando à baila no contexto histórico atual, com o caso da ministra criacionista.

2.3 A ministra criacionista

A ministra brasileira do Meio Ambiente, Marina Silva, em participação no 3.º Simpósio Criacionismo e Mídia¹¹, realizado entre os dias 10 e 13 de janeiro de 2008 pela Unasp (Centro Universitário Adventista de São Paulo), defendeu o ensino conjunto do criacionismo e darwinismo nas escolas.

Pelo teor das suas declarações no encontro, a ministra recebeu numerosas críticas. A comunidade científica e a imprensa brasileira reagiram duramente ao pronunciamento de Marina Silva, considerando a opinião emitida pela ministra como uma afronta à ciência e ao Estado laico.

O jornalista Marcelo Leite protestou em seu *blog* “Ciência em Dia”, na matéria “Marina Silva criacionista. Pode?”¹², contra o fato de uma ministra, representante da autoridade estatal, defender o ensino do criacionismo, tese não científica, nas escolas. Marcelo Leite contesta a opinião de Marina Silva. Entende ser a tese de Darwin a melhor explicação científica para a evolução que existe, devendo, portanto, ser a única presente nas escolas. Para Marcelo Leite, conseqüentemente, a ciência não deve ser tolerante ao criacionismo, pois este está baseado em critérios anticientíficos:

“É de doer. Ninguém ignora que Marina Silva seja uma pessoa religiosa, mais precisamente evangélica da Assembléia de Deus. Isso nunca impediu que ele fosse admirada por muitos ateus que, honestamente, rendem homenagem à história de vida que a conduziu ao Senado Federal e ao Ministério do Meio Ambiente. Eles agora a admiram um pouco menos por vir a pú-

¹¹ <http://www.unasp.edu.br/criacionismo/> (acesso em 24.02.2008).

¹² http://cienciaemdia.zip.net/arch2008-01-01_2008-01-31.html (acesso em 24.02.2008).

blico, revestida da condição de uma funcionária de relevo do Estado leigo, defender que o ensino de noções anticientíficas seja uma questão de escolha individual, entre várias opções de explicação da criação do mundo.

Marina Silva está pura e simplesmente errada ao afirmar que não podemos explicar a natureza pela evolução darwiniana. É a melhor explicação científica que existe. Nem a Bíblia nem o Design Inteligente podem ser colocados no mesmo plano, como conhecimento. Sou o primeiro a defender que a fé dessas pessoas não precisa ser atacada com diligência fervorosa, como propõem Richard Dawkins e Christopher Hitchens, mas não creio que a ministra tenha o direito de fazer – em público, repito – tamanha confusão entre suas convicções pessoais e sua condição funcional.

Tampouco se trata de pedir à ciência que mostre a mesma abertura para a religião que esta estaria dando para a ciência. Se fosse só isso seria um chamado à tolerância, que a maioria das pessoas de bem ou de bom senso assinaria embaixo. Não, ao reivindicar o mesmo status de conhecimento da ciência, que mal ou bem se submete e corrige pelo teste da empiria, o criacionismo – que não é uma teoria científica, pois não tem apoio em fatos e não é reconhecida como tal pelos praticantes da ciência – espera que a investigação científica se curve, abrindo mão de seus critérios.”

O Jornal da Ciência¹³, pertencente à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência¹⁴, trouxe relevo às afirmações de Marcelo Leite contidas no blog “Ciência em Dia”¹⁵. Igual destaque houve na matéria “Anticiência”, da Revista da Semana¹⁶ e no “O Combatente”¹⁷.

Editorial da Folha de São Paulo comparou a opinião da ministra à dos criacionistas norte-americanos: “(...) Num estilo próximo ao dos neoconservadores americanos, considerou que ‘as duas visões’ devem ser oferecidas aos alunos, para que ‘decidam’ por si mesmos.”¹⁸ A Folha bombardeou a ministra, acusando-a ainda de faltar com o decoro profissional: “*Graves e complexos problemas não faltam à ministra Marina Silva, em suas atividades na pasta do*

¹³ <http://www.jornaldaciencia.org.br/>

¹⁴ <http://www.sbpcnet.org.br/>

¹⁵ Matéria “Marcelo Leite, no blog Ciência em Dia: ‘Marina Silva criacionista. Pode?’” do Jornal da Ciência. <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detail.jsp?id=53718> (acesso em 24.02.2008).

¹⁶ Edição n.º 21, de 28.01.2008.

¹⁷ “Editorial da Folha de São Paulo ‘alfineta’ Marina Silva: Criacionismo, não” http://www.ocombatente.com/index.php?option=com_content&task=view&id=6411&Itemid=2. (acesso em 24.02.2008).

¹⁸ Editorial intitulado “Criacionismo, não”. Edição de 20 de janeiro de 2008.

HUGO ALEXANDRE ESPÍNOLA MANGUEIRA

Meio Ambiente. Como se estes não bastassem, sua participação no 3.º Simpósio sobre Criacionismo e Mídia, (...) veio a colocá-la em dificuldades de outro tipo, diante das quais o cargo que ocupa no Estado brasileiro recomenda cautela que não soube observar.”

Arrematou, finalmente o jornal Folha de São Paulo no citado editorial, reprovando a religião em sua disputa contra a ciência: *“Que a religião fique onde está, e não se faça de ciência: eis uma exigência, afinal modesta, mas inegociável, da modernidade”*.

Para a revista Época, ao colocar o evolucionismo como uma teoria, dentre outras, estando, portanto, em um patamar de igualdade com o criacionismo, Marina Silva cometeu o mesmo erro de Francis Collins¹⁹: *“Para cientistas como Collins afirmar – como afirma a ministra Marina Silva – que o evolucionismo é uma ‘teoria’ entre tantas outras é fazer uma perigosa confusão semântica”*²⁰.

3. NAVEGAR NOS CAMINHOS DA VIRTUDE É PRECISO

O “caminho do meio” nasceu no Budismo. Como é cediço, Siddhartha Gautama, antes de atingir a Iluminação e se tornar Buda, experimentou os extremos do luxo e riqueza, no palácio do seu pai, e, posteriormente, do ascetismo, baseado na mendicância. A escolha de atitudes extremadas não levou a iluminação para Siddhartha. Pelo contrário, os prazeres palacianos lhe trouxeram – ao que parece – um imenso conflito mental. Por sua vez, a vida como asceta não o fez vencer a doença, a velhice ou a morte.

Ao se iluminar Buda apresentou as “quatro nobres verdades sobre o sofrimento” no Sermão de Benares. Ensinou-nos que a causa do sofrimento está no desejo. O sofrimento, no entanto, pode cessar com o fim dos desejos. A cura dos desejos é atingida seguindo-se o caminho das oito vias, que ilumina e nos conduz à Verdade.

O Caminho do Meio é aquele que transcende os extremos, con-

¹⁹ Cientista, um dos líderes do Projeto Genoma e autor do livro “A linguagem de Deus”.

²⁰ Matéria: “A ministra criacionista - Marina Silva, do Meio Ambiente, mistura religião e ciência e defende o ensino do criacionismo”. Edição n.º 506, de 28 de janeiro de 2008.

duzindo o ser à Iluminação e à paz. O Caminho do Meio é o Caminho Óctuplo pregado por Buda²¹.

Utilizamos neste diálogo, portanto, o conceito de “caminho do meio”, baseando-se no Budismo, com o fim de evitar o extremismo e o fundamentalismo. Buscamos, por conseguinte, uma terceira via, baseada no respeito e, sobretudo, na compreensão de que a “verdade” é limitada e não pertencente a um determinado ente em especial, podendo haver co-participação em sua formação – uma cooperação – que se dá em níveis de complexidade, buscando sempre a plenitude holística.

Nessa linha de atuação, em consonância com os preceitos religiosos do respeito e da solidariedade e, ainda, com base na legislação presente nos países adotantes da laicidade, propomos a escolha do “caminho do meio” para o ensino da evolução, visando a tolerância, o equilíbrio, a liberdade de expressão e o respeito ao próximo, como proposta de solução à questão aqui apresentada.

Como no filme Matrix, onde as pessoas se encontram a dormir, pois não aptas a acordar para a realidade da vida, vivemos na ilusão dos desejos e dos prazeres, sem despertar para o real sentido do mundo.

Podemos creditar o surgimento do Budismo ao momento que nasce a revelação à Siddartha/Buda. O despertar possui ainda mais uma importância: Brandon Toropov e o Padre Luke Buckles enfocam a análise resultante da compreensão da iluminação como essência do Budismo:

“O Budismo, a fé que foi desenvolvida como resultado dessa percepção, dá uma forte ênfase à libertação das ilusões – e por extensão, dos três hábitos que dão origem às percepções humanas distorcidas, que são o desejo, a raiva e a ignorância.” (TOROPOV e BUCKLES²², página 239)

O despertar, por analogia, no ensino da evolução, compreende a formação do respeito mútuo entre ciência e religião, percebendo ser possível uma complementaridade na busca da verdade.

²¹ O caminho óctuplo ou Caminho do Meio são preceitos éticos, necessários para o despertar, e compreende: a) entendimento correto; b) propósito correto; c) fala correta; d) conduta correta; e) modo de viver correto; f) esforço correto; g) estado de alerta correto e h) concentração correta.

²² TOROPOV e BUCKLES. O guia completo das religiões no mundo. São Paulo: Madras, 2006.

HUGO ALEXANDRE ESPÍNOLA MANGUEIRA

4. SOBRE O ENSINO DA EVOLUÇÃO NAS ESCOLAS PÚBLICAS (EM UM PAÍS LAICO)

4.1 As visões se clareando, até que um dia acordei...²³

A problemática apresentada certamente ultrapassa as fronteiras da contenda entre ciência e religião. Parece-nos, *in casu*, que estamos diante de uma disputa mais profunda: o controle da política educacional.

No Brasil, a Sociedade Criacionista Brasileira (www.scb.org.br) foi criada em 1972 com objetivo de “*divulgar evidências resultantes de pesquisas, próprias e de outrem, que apóiem a tese da existência de planejamento, propósito e desígnio em todos os campos da natureza observável, em contraposição à tese do mero acaso mecanicista*” e, igualmente, “*divulgar evidências, resultantes de pesquisas, que apóiem a tese de que o mundo físico, incluindo as plantas, os animais e o homem, são o resultado de atos criativos diretos de um Deus pessoal*”.

Os cientistas, por sua vez, combatem com ‘unhas e dentes’ qualquer manifestação no sentido de ver a supremacia darwinista ser

²³ Trecho da música Disparada, composta por Geraldo Vandré e Theo de Barros, que conta a epopéia de um jovem que se tornou vaqueiro, “num reino que não tem rei”, praticando a violência, até perceber a ilusão que foi ser um justiceiro – aquele que faz justiça pelas próprias mãos – e, arrependido, tornou-se um cavaleiro – no sentido de nobre; paladino; cavaleiro andante. Da letra da música “Disparada”, que chegou ao final do Festival da TV Record em 1966, tendo empatado com a música “A Banda”, de Chico Buarque, destacamos o seguinte trecho:

“(…) Mas o mundo foi rodando
 Nas patas do meu cavalo
 E nos sonhos
 Que fui sonhando
 As visões se clareando
 As visões se clareando
 Até que um dia acordei...
 Então não pude seguir
 Valente em lugar tenente
 E dono de gado e gente
 Porque gado a gente marca
 Tange, ferra, engorda e mata
 Mas com gente é diferente... (..)”

contestada nas escolas. Não aceitam perder terreno para conceitos religiosos, sem base em métodos científicos.

Em nosso entendimento, o salutar distanciamento do Estado com as religiões não pode servir de pano de fundo para a imposição apenas de teorias baseadas exclusivamente em textos religiosos ou em métodos científicos em sala de aula. O assunto, como propomos, ultrapassa as fronteiras científicas, pois o 'x' da questão é quem controla o sistema de ensino.

4.2 Princípios regentes do ensino nas escolas públicas brasileiras

No Brasil, a Lei n.º 9.394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispõe em seu art. 2.º ser a educação inspirada nos princípios da liberdade e nos ideais de solidariedade humana, de forma a preparar o educando para o exercício da cidadania.

Figuram como princípios base para o ensino, dentre outros, a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; o pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas; e o respeito à liberdade e apreço à tolerância (conforme consta no art. 3.º da LDB).

O ensino fundamental obrigatório tem por objetivo a formação básica do cidadão, mediante o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (art. 32 da LDB).

O ensino médio, etapa final da educação básica, tem como finalidades, dentre outras, o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico (art. 35 da LDB).

A Constituição Federal do Brasil (CFB), por sua vez, prescreve dentre as garantias fundamentais (art. 5.º) a livre manifestação do pensamento (inciso IV), a inviolabilidade da liberdade de consciência e de crença (VI), e a livre expressão da atividade intelectual e científica, independentemente de censura ou licença (IX).

A educação, conforme consta no art. 205 da CFB, é promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania, com base na liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar

HUGO ALEXANDRE ESPÍNOLA MANGUEIRA

o pensamento, a arte e o saber (inciso II); e no pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas (inciso III).

Desta forma, percebe-se que o ensino no Brasil está fundamentado em três pilares: *a)* a liberdade de aprender e ensinar, *b)* o pluralismo de idéias, e *c)* o respeito à liberdade e apreço à tolerância. Com isso, estimula-se a solidariedade, o senso crítico e os ideais éticos.

Com base nestes preceitos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, bem como observando os princípios constitucionais da liberdade de manifestação do pensamento, da liberdade de consciência e crença e da livre expressão da atividade intelectual e científica, podemos afirmar que o Brasil adotou o que chamamos de ‘caminho do meio’, permitindo ao professor manifestar seu pensamento, desde que esta manifestação não influencie na liberdade de consciência dos discentes, e seja exercida, ainda, de forma a garantir o respeito ao pluralismo de idéias e à neutralidade religiosa estatal.

O direito ao conhecimento plural por parte dos discentes também foi assegurado.

Esta conclusão esta inteiramente sintonizada com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 2002) do Ministério da Educação brasileiro, os quais sugerem que a teoria da evolução biológica seja um eixo integrador que envolva todas as áreas da biologia – zoologia, botânica, ecologia, genética, entre outras, para se compreender o histórico e a dimensão filosófica da produção científica e o caráter de verdade científica nas teorias existentes.

Entretanto, na maior parte das escolas brasileiras, a evolução não tem sido adotada como eixo integrador. Pesquisadores indicam que a teoria evolutiva é trabalhada nas escolas apenas como mais um tópico no rol dos conteúdos da biologia (TIDON & LEWONTIN)²⁴. Urge, assim, realizar uma complementação, junto às demais disciplinas, para concretização da integralização do ensino da evolução, consubstanciando, portanto, ‘o caminho do meio’.

4.3 O ‘caminho do meio’ como uma proposta de solução

As diversas correntes científicas – e religiosas, sejam quais forem, são dignas de respeito por parte do Estado. Assim, os nossos

alunos precisam saber que o significa a evolução, segundo Darwin, mas não somente através dele. O criacionismo, em suas diversas vertentes, como, por exemplo, o criacionismo “científico”, o “design inteligente”²⁵ (DI), o BioLogos²⁶, e as outras opções, como o evolucionismo social, o “gene egoísta”, o neodarwinismo, a teoria evolutiva da simbiogênese, o pós-darwinismo, etc., devem ser expostos e explorados em sala de aula, como forma de abrir o diálogo e proporcionar o senso crítico e de discernimento.

Ademais, não podemos desprezar o ensino de todas as correntes sobre a evolução – ou, pelo menos, as principais – em uma sala de aula – sobretudo estatal, sejam religiosas ou científicas, pois o ensino da evolução compreende uma complexidade – integralidade – de conhecimento e não apenas se sustenta na disciplina de biologia. Além disso, o ser humano tem o direito de conhecer os pensamentos existentes, para poder praticar a sua liberdade de escolha.

Nesta linha de pensamento, respeitável *decisum* prolatou uma corte Russa, ao decidir rejeitar pedido solicitando a proibição do ensino da evolução em escola pública²⁷. A ação foi patrocinada pela aluna Maria Shreiber, de 16 anos. Alegou que o ensino da teoria da evolução das espécies ensinada na escola “violava seus direitos e insultava suas crenças religiosas”. O pai de Maria, Kirill Shreiber, entende que “o homem é resultado da criação de Deus, e muitos cientistas partilham desse ponto de vista”. Arrematou o pai da aluna, ao saber da decisão judicial, informando sobre recurso que seria impetrado: “nossa missão continua: destronar a teoria de Darwin. As pessoas não devem acreditar para sempre na bobagem completa que é o darwinismo”.

vard University, Museum of Comparative Zoology, Department of Organismic and Evolutionary Biology, Cambridge, MA, USA. 2003.

²⁵ Proposta por Phillip Johnson, com a finalidade de se contrapor à teoria da evolução, considerada ateísta, falha e incompleta – pois incapaz de explicar, sem a colocação de um Criador inteligente, a complexidade irreduzível.

²⁶ Bios pelo Logos, é “ciência e fé em harmonia”, espécie de evolução teísta (COLLINS, Francis S., *A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe*, São Paulo, Editora Gente, 2007, p. 209).

²⁷ Matéria presente no jornal O Estado de São Paulo, publicada em 21 de fevereiro de 2007, intitulada “Justiça russa se recusa a proibir ensino da evolução”, disponível em <http://estadao.com.br/ciencia/noticias/2007/fev/21/252.htm> (acesso em 14.12.2007).

HUGO ALEXANDRE ESPÍNOLA MANGUEIRA

Percebe-se, portanto, que a intolerância e o radicalismo podem vir de ambos os lados e, além disso, provir de membros da comunidade científica ou de qualquer religião²⁸, pois estas sementes afinal estão presentes no âmago do ser humano. Pensando bem, *homo homini lupus*²⁹.

Para que haja equilíbrio entre as forças, o Estado – democrático e pluralista – surge com a solução, funcionando como um mecanismo de freios e contrapesos.

Escolhe-se o ‘caminho do meio’ simplesmente porque o Estado não pode impor algo às nossas consciências, nem se portar inquisitoriamente sobre o nosso livre arbítrio, pois, afinal, não somos apenas tijolos nas paredes!

Faz-se mister, em nosso contexto, a propositura de um ‘caminho do meio’ que permita ao educando conhecer todas as opiniões a respeito da evolução, sem medo de primazia pela ciência ou pela religião, baseado no respeito e, sobretudo, à liberdade de consciência e escolha individual.

5. ANÁLISE DOS CASOS

5.1 Analisando o caso Christine Comer

Para nós é difícil compreender a questão do ensino da evolução nos Estados Unidos. Analisar o problema pela ótica de quem não participa da realidade daquele país é embaraçoso. Para dificultar ainda mais a percepção do assunto, o contexto no qual se insere a questão é o histórico, social, religioso e político do Estado do Texas.

Além disso, não podemos concluir com absoluta certeza quais foram os motivos que levaram à demissão da docente Comer, apenas com base em uma matéria jornalística.

Todavia, analisaremos o fato sob o prisma dos princípios da laicidade e da liberdade de consciência, ambos revestidos de um caráter universal. Além disso, estes princípios são regentes da fraternidade e tolerância presentes nos países democráticos.

²⁸ Bispo católico fez greve de fome com objetivo de impedir o governo brasileiro realizar obras de transposição do rio São Francisco.

²⁹ Tomas Hobbes.

Neste aspecto o tema da reportagem é universal. Não obstante esta batalha venha ocorrendo nos Estados Unidos desde a década de 1920, o assunto poderá estar presente nos tribunais brasileiros³⁰ e de outros países muito em breve.

Em verdade, no caso em questão a professora Comer colocou a sua opinião, afastando-se da neutralidade que a agência de educação texana esperava.

Analisando a reportagem, percebemos que a professora Comer se posicionou favorável à teoria da evolução, colocando-se em linha de fogo com o presidente do conselho estadual de educação, professor de religião e autor de palestras defendendo a teoria da criação inteligente.

Mas, ao que parece, a professora defendia a sua preferência apenas fora da sala de aula, exercendo, nesse aspecto, a sua capacidade de liberdade de consciência sem ferir a laicidade estatal.

Se assim foi, nos parece absurda a sua demissão, pois baseada apenas em caráter político-religioso, violando a liberdade de consciência e o direito à expressão que a professora – como cidadã – possui.

5.2 Analisando o caso Marina Silva

Marina Silva, recentemente eleita pelo jornal inglês “*The Guardian*” como uma das 50 pessoas que podem salvar o mundo, é um dos ícones do governo Lula da Silva, sendo bastante respeitada por sua trajetória de luta na defesa do meio ambiente brasileiro. Evangélica, congregante da Igreja Assembléia de Deus, pretendia inicialmente ser freira católica, mas acabou missionária evangélica.

O discurso da ministra no 3.º Simpósio sobre Criacionismo e Mídia, “Meio Ambiente e Cristianismo”, baseou-se em afirmações bíblicas para justificar a proteção ao meio ambiente³¹. As colocações da

³⁰ Conferir o caso do Estado do Rio de Janeiro, que decidiu implantar o ensino do criacionismo nas aulas de religião da rede estadual de ensino desde 2004.

³¹ Da mesma forma foram lançadas fortes críticas acerca deste ponto de vista. Vejamos o que escreveu Marcos Sá Corrêa, no artigo “A ministra e o criacionismo”:

“(…) Como se vê, o olhar da ciência às vezes faz falta. O bestiário bíblico está cheio de animais ‘impuros’, como o crocodilo, a lebre e o morcego. Matar urso que atacava seu rebanho é a primeira prova da coragem de Davi. A raposa é símbolo de vilania. O gafa-

HUGO ALEXANDRE ESPÍNOLA MANGUEIRA

ministra sobre o ensino do criacionismo, na verdade, foram feitas em uma entrevista – realizada posteriormente à prolação realizada no encontro – concedida ao *blog* “Porque Jovens Adventistas É O Q Há”³².

Em nosso entendimento, Marina Silva não ofendeu a integridade do Estado Laico por dois motivos:

a) A ministra não se firmou no simpósio na qualidade de responsável pelo ensino estatal. Ela não representava o Estado-professor. A servidora, logo, estava no evento defendendo idéias sobre a defesa do meio-ambiente. No máximo, transparecia a política ambiental do governo.

b) A ministra não colocou o criacionismo em um plano superior ao evolucionismo nem qualificou o criacionismo como verdade única. Afirmou apenas que o criacionismo deveria ser igualmente ensinado nas escolas, de forma a proporcionar a liberdade de escolha dos alunos.

A fala de Marina Silva, portanto, estava dentro do limite da liberdade de expressão individual. Tendo como objeto preservar o princípio constitucional da liberdade de consciência e de crença, entendemos que a ministra não extrapolou os limites da laicidade.

As críticas do editorial do Jornal Folha de São Paulo dirigidas à ministra, recaíram ainda sobre o criacionismo, que “(...) tenta fazer,

nhoto, uma das oito pragas do Egito. O porco, da baixeza. A serpente, do mal. A codorna, a comida que cai do céu. O leopardo, segundo Jeremias, velava à porta da cidade, para devorar quem se arriscasse fora dos muros.

Presume-se que essas classificações da fauna não estejam em vigor no Ministério do Meio Ambiente. Mas, nos Salmos, a águia é a ave que recobra as forças e a juventude quando tem suas penas arrancadas. E a ministra usou-a pelo menos uma vez, como metáfora de sua resistência às armadilhas do governo contra seu ministério. Ela não se demitiria por se sentir ‘como a águia, que tem de quebrar o bico na pedra, arrancar penas e unhas, para nascer nova unha, novo bico’.

(...)

Há riscos para um ministro do Meio Ambiente em usar a Bíblia como um tratado de ecologia. Se é isso o que anda pregando lá dentro o pastor Roberto Firmo Vieira, da Assembléia de Deus, pendurado num convênio com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, o melhor caminho diante da ministra para preservar sua fé é demitilo.” (Artigo originalmente publicado pelo jornal O Estado de S.Paulo, em 23.01.2008. conteúdo retirado do sitio: http://www.ecoeacao.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=6450&Itemid=42. Acesso em 24.02.2008).

³² A entrevista pode ser assistida em <http://eoqha.net/biblioteca/111ministra.mp4> (Acesso em 24.02.2008).

sem base comprovada, e com um aparato de falácias que um estudante médio, no Brasil ou em qualquer parte do mundo, não tem condições de identificar. Que a religião fique onde está, e não se faça de ciência: eis uma exigência, afinal modesta, mas inegociável, da modernidade.”

Ora, a proposta da ministra não foi a de se incutir o criacionismo em substituição ao evolucionismo, mas, para que possa ser exercido o direito ao conhecimento e à informação, além do direito de escolha. Explicar a existência do criacionismo – e o “design inteligente”, assim como as demais teorias, é exibir a pluralidade social e possibilitar ao estudante a percepção de que há divergência de pensamentos.

Faz-se necessário, acima de tudo, respeitar a opinião de quem acredita no criacionismo, assim como devemos respeito a quem não acredita, indistintamente, o que não houve no caso em tela.

Os críticos da ministra são, na verdade, opositores à liberdade de expressão e de consciência. Marcelo Leite, ao ser indagado na mesa-redonda da “V São Paulo Research Conference – Teoria da Evolução: Princípios e Impactos”, em 20 de maio de 2006, sobre o avanço no Brasil das opiniões contrárias às especulações transformistas de Darwin, declarou: “*Não damos espaço!*”³³.

Nesse sentido, merece realce a dura crítica realizada por Enézio E. de Almeida Filho, no *blog* “Desafiando a Nomenklatura Científica”, ao editorial da Folha de São Paulo que rechaçou a posição defendida pela ministra. Enézio Filho critica a postura totalitária do jornal, que defende a ciência como verdade única, inquestionável e insusceptível de ser confrontada:

*“O editorial da Folha ‘Pravda’ de São Paulo é também Darwin uber alles aplicado plenamente e sem questionamentos na cultura, na sociedade, em tudo que se puder imaginar, pois somente o mais apto sobrevive. Darwinismo, oops stalinismo puro. Aliás, a Folha ‘Pravda’ de São Paulo é mais stalinista do que Stálin: um jornal ‘mão de ferro’ dominado por ateus, agnósticos, céticos e quejandos.”*³⁴

³³ Conforme consta em “O editorial da Folha ‘Pravda’ de São Paulo: “Ateísmo, não!”, por Enézio E. de Almeida Filho (<http://pos-darwinista.blogspot.com/2008/01/o-editorial-da-folha-pravda-de-so-paulo.html>). Acesso em 24.02.2008).

³⁴ <http://pos-darwinista.blogspot.com/2008/01/o-editorial-da-folha-pravda-de-so-paulo.html> (Acesso em 24.02.2008).

HUGO ALEXANDRE ESPÍNOLA MANGUEIRA

Parece-nos que, na realidade, o jornal ‘tomou as dores’ da ciência, se apoderando da verdade e dando descrédito ao que diverge do empirismo. Da mesma forma, alguns cientistas chegam ao ponto de não aceitarem nem mesmo a possibilidade dos alunos terem acesso a opiniões que divergem dos métodos científicos tradicionais – podemos incluir o *design* inteligente neste rol.

Ora pois, se, por um lado, os alunos do ensino médio não teriam a capacidade de identificar as “falácias” do criacionismo – como consta no editorial da Folha – como poderiam discernir sobre a existência de inconsistências na teoria de Darwin?

6. EPÍLOGO: “HERE COMES THE SUN³⁵”

No fundo, ambos os casos – o da ministra e o da professora – são idênticos quanto à origem. A raiz do problema é essencialmente a mesma. Na verdade, são as duas faces da mesma moeda. O caso da ministra Marina Silva é ‘o reverso’ de o caso Christine Comer. Ambas – Christine Comer e Marina Silva – foram alvos da intolerância, religiosa e científica, respectivamente. Sofreram com a tendência ao comportamento inflexível que persiste em setores da ciência e religião.

Inicialmente, não concordamos com o posicionamento da professora Christine Castillo Comer, quando a mesma prescreve a teoria da evolução como “lei”, imutável, verdade absoluta. O processo de seleção natural de Darwin poderá ser posteriormente aperfeiçoado ou mesmo modificado pela ciência. Com certeza, outras teorias de igual ou maior consenso no meio científico irão aparecer ao longo da linha do tempo.

Discrepamos ainda quando a professora não entende o dever de neutralidade quanto ao ensino da teoria da evolução. Ora, em sala de aula o professor representa o Estado. Ele é o Estado! E como tal não deve ser palco para uma ‘guerra’ entre ciência e religião, mas de deferência a ambas.

O ‘caminho do meio’ é utilizado como ferramenta para demons-

tração dos pensamentos plurais existentes na sociedade, não para contrapor as teses oriundas da fé e ciência.

Portanto, tem o professor o dever de fazer preponderar o laicismo na sala de aula. Deve respeitar igualmente as teorias existentes, científicas ou – até mesmo – religiosas, uma vez que, em nossa perspectiva, o ensino da evolução é tema complexo e integrador, que engloba várias disciplinas – biologia, sociologia, antropologia, religião, filosofia, história, entre outras.

No entanto, não podemos concordar que um professor fique tolhido de emitir opinião sobre qualquer assunto quando estiver fora da sala de aula, seja proferindo palestra, seja escrevendo artigos ou mesmo enviando correios eletrônicos por contrariar os dispositivos da religião. Esta proibição viola a liberdade de pensar inerente ao ser humano, ferindo a liberdade de consciência, pressuposto democrático de um estado de direito.

Até poderíamos cogitar ao fato do professor exprimir seu modo de ver determinado tema, em sala de aula, moderadamente e em casos especiais. Mas, teria o docente que deixar evidente a consideração pelas outras teorias, pois, na verdade, não é proveitoso que o seu juízo prevaleça sobre as demais correntes, para influenciar os alunos. A ética profissional deve prevalecer em face da opinião pessoal, pois, quem está ali é o Estado-professor e não o senhor-professor.

Conforme exposto, a professora Christine Castillo Comer possui o direito de ser darwinista, desde que não imponha esta teoria científica aos seus alunos e que este direito não se sobreponha ao dever de neutralidade que rege o laicismo estatal. A autonomia e o livre-arbítrio humano devem ser respeitados desde que não se sobreponham ao princípio da laicidade.

Absurda, pois, a demissão da professora!

A religião não pode se considerar Estado, como ocorreu na Europa nos séculos XVI e XVII. Como pronunciou Alain Touraine, “*o desenvolvimento da democracia supõe a independência do sistema político diante do sistema religioso*”³⁶.

De outra banda, não podemos instaurar a ditadura do cientificismo.

³⁶ TOURAINE, Alain, *Os riscos do populismo religioso. Entrevista à revista Época*, Edição n. 500, Dezembro, 2007.

HUGO ALEXANDRE ESPÍNOLA MANGUEIRA

A ministra Marina Silva não praticou nenhum crime ao emitir sua opinião sobre o direito, que os alunos possuem, à informação e à possibilidade de comparação do criacionismo com a teoria da evolução por seleção natural, de Darwin.

Ora, se a comunidade científica tem tanta convicção que o evolucionismo não possui brechas, por que proibir as escolas de mostrarem que existem outras teorias? Os dogmas darwinistas, defendidos com rigor pela comunidade científica, são indiscutíveis?

A ministra, além disso, não feriu a laicidade ao dar uma entrevista a um *blog*, demonstrando apoiar a possibilidade de existir nas escolas informações sobre o criacionismo, assim com sobre o darwinismo. Diferentemente do caso Comer, naquela entrevista, não se encontrava ali a representante do Estado-professor. Nem houve qualquer idolatria a Adão. Muito pelo contrário. Foi demonstrado respeito ao papel que a ciência exerce na sociedade, se aludindo apenas ao direito do aluno confrontar e decidir *per si*. São direitos constitucionais, garantidos pelo Estado, a liberdade de expressão, de consciência e de crença.

A conquista do laicismo não significa castrar a possibilidade de se ter acesso na escola a textos não científicos, nomeadamente em disciplinas como história, estudo das religiões, filosofia e sociologia. A educação deve ser holística e se basear na tolerância, no respeito e ‘no caminho do meio’. Precisamos estudar o homem e a humanidade sob todos os aspectos. Não podemos negar aos alunos o acesso à informação sob o frágil argumento que esta informação é, para nós, tolice, enquanto existe uma multidão de pessoas que acredita nela. O direito à comparação precisa ser preservado. O senso crítico e o discernimento idem.

Por isso, inapropriado censurar os partidários de idéias não-científicas ou divergentes da ciência tradicional vigente para levantar a bandeira da defesa da separação entre Igreja e Estado – saudável, diga-se. O reverso também é verdadeiro.

A esfera de ação da ciência está em explorar a natureza. O âmbito da religião, na fé em Deus, onde a ciência – ao menos por enquanto – não consegue penetrar. Ciência e religião não se misturam, mas são compatíveis, pois se complementam na possibilidade de preenchimento dos anseios humanos.

92 | Esta concepção explica como as pessoas, atualmente, se consi-

deram religiosas e, paradoxalmente, possuem, ao mesmo tempo, confiança na ciência – com consciência das limitações das suas teorias. Ademais, um grande número de cientistas possui fé religiosa e muitos crentes procuram as universidades buscando a ciência para justificar os preceitos religiosos, se comportando como cientistas.

Assim, os textos religiosos, muito embora devam ser entendidos ‘pela fé’, podem ser reinterpretados e adequados à realidade sócio-cultural e científica atual. Caso queiramos conhecê-los sob uma ótica científica, não podemos reputá-los – pois escritos há milênios – na literalidade tradicional, conforme o costume religioso baseado na fé. Se os trouxermos para o contexto desta maravilhosa época em que vivemos, observaremos a convergência entre ciência e religião. Esta nova hermenêutica poderá permitir, por exemplo, visualizar nas escrituras passagens explicativas sobre o início dos tempos com semelhanças incríveis às novas descobertas sobre o *big bang*³⁷.

Mesmo assim, conforme os dados do Gallup 53% dos norte-americanos são criacionistas³⁸. Esta maioria precisa respeitar o direito da ciência fazer ciência. E os simpatizantes da ciência precisam perceber que fé não se discute, se respeita. Destarte, precisamos abandonar a premissa de que acreditar em algo sem provas científicas é uma insensatez. Carl Gustav Jung, na entrevista “*Face to face*”, à BBC, ao ser perguntado se acreditava em Deus, respondeu: “*I know... I don't need to believe. I know!*”.

Portanto, o ser humano tem o direito de optar pela ciência ou pela religião – ou por nenhuma delas. Pode, ainda, ao invés de optar entre elas, escolher um equilíbrio, um caminho do meio, que dê dignidade e distinção a cada uma dessas áreas do conhecimento³⁹.

³⁷ Sobre o tema, o biólogo Francis Collins cita Jastrow: “*Agora vemos como a evidência astronômica conduziu a uma visão bíblica sobre a origem do mundo. Há diferença nos detalhes, porém os elementos essenciais e as considerações astronômicas sobre a gênese são as mesmas; a cadeia de eventos conduzindo ao homem iniciou de modo repentino e preciso em um momento definido no tempo, em um brilho de luz e energia.*” Mais a frente, o próprio Collins comenta: “*O Big Bang grita por uma explicação divina. Obriga à conclusão de que a natureza teve um princípio definido. Não consigo ver como a natureza pôde ter-se criado. Apenas uma força sobrenatural, fora do tempo e do espaço, poderia tê-la originado.*”. (COLLINS, Francis S., *A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe*, São Paulo, Editora Gente, 2007, pp. 74-75)

³⁸ HARRIS, Sam., *Carta a uma nação cristã*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 16.

³⁹ GOULD, Stephen Jay, *Pilares do tempo: ciência e religião na plenitude da vida*, Editora Rocco, 2002.

HUGO ALEXANDRE ESPÍNOLA MANGUEIRA

Ambas, religião e ciência, possuem limitações dentro do enquadramento nas dimensões do espaço e tempo. Como disse a ministra Marina Silva naquela mesma entrevista, “*Deus se revela na história*”!

De outra banda, temos o dever – senão o dever moral, mas o jurídico – de respeitar a liberdade de consciência e crença que todos os cidadãos possuem.

Permita-nos aqui aproveitar o ensinamento do professor Paulo Jorge Soares Mendes Pinto para, depois, concluir. O professor Paulo Pinto, ao ensinar com primazia sobre a onisciência de Deus, nos autoriza a perceber – por nossa conta e risco – sobre a existência de defeitos, tanto na ciência quanto na religião: “*sejamos crentes ou não, é para nós um dado inquestionável: Deus, a existir, é onnisciente. Tudo sabe esse Deus; tudo conhece e, com o seu conhecimento, tudo criou e tudo articula ou articulou.*”⁴⁰. Assim sendo, se apenas Deus⁴¹, existindo, tem este apanágio – a onisciência – ciência e religião, ao revés, não possuem esta prerrogativa. Portanto, são falíveis e, desta forma, detentoras do dever de respeito mútuo, uma vez que não possuem a verdade absoluta!

Este caminho do respeito pode se dar, por exemplo, em uma convivência pacífica entre o conhecimento científico e a visão de mundo religiosa. Pode ainda evoluir para a fraternidade, quando, através da – tão sonhada – percepção de complementaridade, se descobre que uma necessita da outra para sobreviver. Seria utopia pensar que um dia a ciência possa complementar a religião e vice-versa? Einstein, Jung, Collins e Goswami – entre outros – mostraram que não! Para muitos, Darwin não matou Deus. Apenas descobriu onde Ele estava.

O biólogo Francis S. Collins, Diretor do Projeto Genoma, sintetiza com maestria todo o contexto tratado neste trabalho, chegando à mesma conclusão:

“As posições estão se acirrando. As vozes, tornando-se mais estridentes. (...) Daremos as costas à ciência porque ela é percebida como ameaça a Deus, abandonando toda a promessa de avanço em nossa compreensão da natureza e a prática desses conhecimentos para alívio do sofrimento e para o bem da

⁴⁰ PINTO, Paulo Mendes, *Conhecimento de Deus – Ensaios em torno do saber, da onnisciência, do monoteísmo*, Lisboa, Quasi Edições, 2007.

⁴¹ Não consigo lembrar algo ou alguém mais que possa possuir tal característica.

EM NOME DE ADÃO

humanidade? Ou daremos as costas à fé, concluindo que a ciência tornou desnecessária a fé espiritual, e que agora podemos substituir os tradicionais símbolos religiosos por esculturas da hélice dupla em nossos altares?

As duas escolhas são profundamente perigosas. Ambas negam a verdade. Ambas reduzem a nobreza da humanidade. E ambas são desnecessárias. O Deus da Bíblia é também o Deus do genoma. Pode ser adotado na catedral ou no laboratório. Sua criação é majestosa, esplêndida, complexa e bela – e não pode guerrear consigo mesma. Só nós, humanos imperfeitos, podemos iniciar batalhas assim. E só nós podemos acabar com elas.”⁴²

A ciência precisa buscar o ideal de pureza presente no pensamento de Einstein: “*A ciência nos afasta de Deus, mas a ciência pura nos aproxima de um criador*”. A religião necessita da compaixão e da compreensão manifestados por Buda e pelo Ungido.

Assim, como na canção, após o período de conflito despontará o sol – e com ele retornarão os sorrisos e a concretização dos sonhos. Precisamos, antes, fazer a mudança do *moonlight* para o *sunlight*⁴³. Uma ditadura, criacionista ou evolucionista, se instaurada, trará sofrimento desnecessário.

Acreditamos sim nas flores vencendo o canhão⁴⁴! cremos que haverá, em um breve futuro, o respeito ou, quiçá, a harmonia e a deferência entre ciência e religião. Suscitamos, portanto, o ‘caminho do meio’. Se não for este o destino, a intolerância reinará e, ao contrário do ensino da evolução, estaremos a prescrever em nossa sociedade o ensino da involução, configurando uma nova Idade das Trevas!

⁴² COLLINS, Francis S., *A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe*, São Paulo, Editora Gente, 2007, p. 216.

⁴³ Na música “*Reflections of my life*”, do “*The Marmalade*”, ao contrário, há “*the changing of sunlight to moonlight*”.

⁴⁴ “Prá não dizer que não falei de flores”, música composta por Geraldo Vandré.

